

RESENHAS

PROPOSTA CONCRETA PARA TRADUÇÃO DE HOMERO

Adriane da Silva Duarte*

CAMPOS, H. e VIEIRA, T. (1994) *MENIS: A Ira de Aquiles* (Canto I da *Iliada* de Homero). São Paulo, Nova Alexandria, 94 p.

O novo livro de Haroldo de Campos vem a confirmar que a tradução é a melhor herança do projeto concreto. Ocupando lugar central na prática dos poetas concretistas, como forma de estudo e de crítica, a tradução sobressai-se à medida em que revitaliza a discussão teórica e contribui para pôr em circulação obras basilares da civilização universal. Haroldo de Campos já “transcreveu”, por exemplo, livros do Velho Testamento, Dante, Teatro Nô, Mallarmé, poetas russos contemporâneos, Joyce e Pound, compondo seu *paideuma*, i.é, uma seleção de textos cuja leitura é fundamental para quem deseje estudar a poesia viva. A este cânone soma-se agora Homero, nome que se confunde com a formação da literatura ocidental.

A primeira questão que se coloca é o porquê dessa empreitada. Haroldo de Campos sempre foi um admirador das traduções que o poeta Odorico Mendes (1799-1864) fez da *Iliada* e da *Odisséia* e muito contribuiu para resgatá-lo do limbo a que a crítica o condenara. Por isso, justamente quando o valor de Odorico, “o patriarca da tradução criativa

no Brasil” (Campos et Vieira, 1994) é reconhecido com a reedição de suas “transcrições” pela EDUSP, é de se espantar que seu advogado venha apresentar uma alternativa a elas.

A resposta pode ser encontrada no artigo de Trajano Vieira, intitulada *Homero e a tradição oral*, que acompanha a tradução. O leitor desatento pode julgar esse ensaio apenas como um apêndice destinado a apresentar Homero, se é que é possível pôr as coisas nesses termos, e situar o estado das reflexões atuais acerca de suas obras. Ele faz tudo isso com competência, mas, nas entrelinhas, também explica a necessidade de novas traduções da poesia épica grega à luz dos estudos de Milman Parry sobre a poesia oral. Depois de Parry é impossível negligenciar o papel da fórmula, i. é, “grupo de palavras que é regularmente empregado sob as mesmas condições métricas a fim de expressar uma determinada idéia essencial” (id. ibid., p.82), na composição dos poemas homéricos e, portanto, como parte integrante dos mesmos.

O trabalho do tradutor é efêmero, pois cada versão atende às demandas estéticas de sua época. Assim, por melhor que seja o resultado, a tradução já nasce com hora marcada para morrer (na melhor

* Professora Assistente de Língua e Literatura Grega, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, FFLCH-USP.

das hipóteses, guarda interesse para os especialistas). O projeto de Odorico Mendes partia da idéia de síntese: emagreceu a *Odisséia* em 2804 versos e, graças à adoção do decassilabo, foi obrigado a “prodígios de compressão e contorção sintática” (id. *ibid.*, p.13). Essa opção esconde o desejo de evitar as repetições e a monotonia que uma língua declinável [...] ofereceria na sua transposição de plano para um idioma não flexionado” (Campos, 1976). É claro que Odorico não tinha como avaliar a relevância dessas repetições, que vão de epítetos até cenas inteiras, para o efeito da épica grega, mas não menos claro é que sua versão não responde mais às exigências do leitor de hoje, desperto para esse aspecto. Daí a necessidade de novas versões.

Não será Haroldo de Campos, ao que parece, que suprirá totalmente essa lacuna. O que ele oferece em *Menis: A Ira de Aquiles* é um aperitivo. Propõe-se a elaborar “um modelo intensivo, um paradigma atual e atuante, de “transcrição homérica” (Campos et Vieira, 1994), que parte de Odorico Mendes, deitando um olho às soluções encontradas por Carlos Alberto Nunes, outro tradutor da *Iliada*, e engloba as lições da poética moderna, dialogando especialmente com Ezra Pound. Pound, o provocador que afirmava não haver traduções satisfatórias de Homero, incita Haroldo de Campos que, por sua vez, mostra o *savoir-faire*, mas, isca lançada, deixa 23 cantos por fazer.

A tradução desse primeiro canto é um alento. Atento à melopéia do original, Haroldo de Campos consegue uma versão muito mais sonora que as disponíveis até então, sem abrir mão da fidelidade à letra. Tome-se como exemplo as palavras com que Aquiles afronta Agamenão: “No tumulto da luta o legado mais duro/ compete às minhas mãos; quando vem a partilha,/ teu prêmio é bem maior; o meu, de pouco preço,/ o prezo e levo às naus, cansado de batalha” (v. 165-168). A aliteração em *p* do verso grego (v. 165: “*allá tó mên pleíon polyáikos polémoio*”), é mantida no português em *t*, além da

assonância em *u*. E também o verso desafio, que Pound julgava intraduzível por mimetizar o que descreve, as ondas que quebram-se no beira-mar (v. 34, “*pará thina polyphlóisboio thalásses*”), vertido belamente por “ao longo do mar de políssonas praias”.

Acertada foi a escolha do dodecassilabo, que fica exatamente a meio caminho entre o decassilabo de Odorico, breve demais, e o verso de dezesseis sílabas de Nunes, que por vezes sobra. Igualmente boa é a solução encontrada para alguns dos epítetos que surgem nesse canto, especialmente os de Apolo: flechicerteiro para *hekebólōn* e arcoargênteo para *argyrótoxos*.

Criticar uma tradução, por melhor que ela seja, é coisa das mais fáceis, sobretudo quando não há disposição de propor soluções alternativas. Por isso, vou me ater apenas a alguns reparos indispensáveis. Em primeiro lugar, não vejo porque dispensar certos epítetos cunhados por Odorico Mendes, como “dedirrósea” para Aurora e “olhitáurea” para Hera, mais eficazes que os “dedos róseos” e “olhos de toura” adotados. Em segundo lugar, há um equívoco ao buscar enfatizar a *tmese* como no v. 579: “Que o pai não se irrite/ e não **dis(outra vez) turbe** o nosso banquete! “O recurso, banal em Homero, fica carregado em português. Por fim, penso que certas tentativas de valorização semântica a partir da etimologia, como no v. 47 (“ícone da noite”, por semelhante à noite) ou no v.131 (“simile divino” por igual a um deus), são traidoras na medida em que trazem para o poema sentidos que ultrapassam seu contexto.

A tradução do canto I configura-se como uma bela lição de casa, uma vez que Haroldo de Campos não esconde que a fez na medida em que seguia o método *Homeric Greek* (Pharr, 1977), voltado para a leitura de Homero e que utiliza a *Iliada* I ao longo do aprendizado. O resultado, excepcional, comprova mais uma vez ser fecunda a colaboração entre especialistas, no caso o professor Trajano Vieira, e poetas. Agora é aguardar que alguém se anime a prosseguir a tarefa iniciada com essa publicação programática.

Referências bibliográficas

- CAMPOS, H e VIEIRA, T. (1994) *MENIS. A Ira de Aquiles (Canto I da Iliada de Homero)*. São Paulo, Nova Alexandria, p. 12.
- CAMPOS, H e VIEIRA, T. (1994) *MENIS. A Ira de Aquiles (Canto I da Iliada de Homero)*. São Paulo, Nova Alexandria, p. 82.
- CAMPOS, H e VIEIRA, T. (1994) *MENIS. A Ira de Aquiles (Canto I da Iliada de Homero)*. São Paulo, Nova Alexandria, p. 13.
- CAMPOS, H. (1976) Da tradução como criação e como crítica. In: *Metalinguagem*. São Paulo, Cultrix, p. 27.
- CAMPOS, H e VIEIRA, T. (1994) *MENIS. A Ira de Aquiles*. p. 14.
- PHARR, C. (1977) *Homeric Greek*. Norman, University of Oklahoma Press.

Apresentado em 1994.

